
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 - Pausa para Reflexão; 2 - Bibliografia recomendada; 3 - Meliponicultores do Maranhão ganham centro de referência em Peri-Mirim; 4 - Meliponário da Serra; 5 - Abelhas nativas sem ferrão encantam iratienses; 6 - Padre Moure: uma vida dedicada à ciência e à religião; 7 - O papa das abelhas; 8 - AME-RIO - Associação de meliponicultores do Rio de Janeiro; 9 - AMAMEL - Associação dos Meliponicultores de Mandirituba e Região; 10 - Com ou sem ferrão, todas elas são essenciais à natureza; 11 - Impactos de cursos de manejo de abelhas sem ferrão e os desafios para meliponicultura Amazônica; 12 - Curso sobre Abelhas Indígenas sem Ferrão, no Centro Paranaense de Referência em Agroecologia/CPRA - Pinhais – PR; 13 – IV Seminário Paranaense de Meliponicultura, de 12 a 14 de novembro, na UFPR, Campus de Matinhos - PR.

1 - Pausa para Reflexão

“ Se as abelhas desaparecerem da face da terra, ao homem apenas restará quatro anos de vida. Não há abelhas, não há polinização, não há animais, não há homem. ” - Albert Einstein

2 - Bibliografia recomendada

1. Aidar D. S. (1996). A Mandaçaia: Biologia de abelhas, manejo e multiplicação artificial de colônias de *Melipona quadrifasciata* Lep. (Hymenoptera, Apidae, Meliponinae). Soc. Bras. de Genética - Série Monografias n.º 4, Ed. Funpec, 104 p.

2. Aidar D. S. (1997). Meliponíneos e Ecossistema: Importância da Preservação das Espécies (Hymenoptera, Apidae, Meliponinae). INFAN - Informativo Ambiental, nº 6.

3. Brasil, Ministério da Agricultura (1981). Métodos analíticos oficiais para controle de produtos de origem animal e seus ingredientes.

4. Campos L.A.O. (1983). Abelhas indígenas sem ferrão. Informações Agropecuárias v.9, nº 106

5. Cappas J.P. (1992). Os Meliponíneos em Portugal e na Europa. Bol. Soc. Portuguesa de Entomologia. Suplemento 3, v.1, p.53-68.

6. Cappas J.P. (1995). Conhecer as rainhas (parte 4). O Apicultor, ano 3, v.10, p.2-4.

7. Carvalho G. A. (1996). Monitoramento dos alelos sexuais xo em uma população finita de *Melipona scutellaris* (Apidae, Meliponini). Tese de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia MG, Brasil. 63p.

8. Cortopassi-Laurino M. e Gelli D.S. (1991). Analyse pollinique, propriétés physico-chimiques et action antibactérienne des miels d' abeilles africanisées *Apis mellifera* et Meliponinés du Brésil. Apidologie, v.22 p.61-73.

9. Godói R. (1989) A criação racional de abelhas Jataí. Ed. Ícone, 83 p.

10. Fundação Nacional do Índio - FUNAI (2002) Abelhas Nativas Brasileiras: conservação

ambiental. Brasília, 32 p.

11. Hoffmann M. e Pereira T.N.S. (1996). Polinização do maracujá-amarelo (*Passiflora edulis* f. *flavicarpa* DEG) na região de Campos dos Goytacazes, RJ. In: Ann. Encontro Sobre Abelhas 2:330. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

12. Iwana S. (1977) A influência de fatores climáticos na atividade externa de *Tetragonisca angustula*. Bolm. Zool. Universidade de São Paulo, 2: pp.819-201.

13. Juliani L. (1962) O aprisionamento de rainhas virgens em colônias de *Trigonini* (Hymenoptera, Apidae). Bol. Univ. do Paraná, zoologia, nº 20: pp.1-8.

14. Kerr W.E. e Vencovsky R. (1982). Melhoramento genético em abelhas I. Efeito do número de colônias sobre o melhoramento. Rev. Brasil. Genét. 5:279-285.

15. Kerr W.E. ; Nascimento V. A. ; Carvalho G.A. (1994). Há salvação para os meliponíneos ? Anais do Encontro sobre Abelhas, 1: 60-65, Ribeirão Preto - SP.

16. Kerr W.E. (1994). Progresso na genética de abelhas. In: Ann. Congresso Brasileiro de Apicultura 10:264-277, Pousada do Rio Quente, GO, Brasil.

17. Kerr W.E., Carvalho G.A., Silva A.C.da, Assis M.G.P.de (2001) Aspectos pouco mencionados da biodiversidade amazônica. Parcerias Estratégicas, nº 12 : pp 20-41.

18. Luna M.C.M. e Lorenzon M.C.A. (1999) Adaptabilidade de colônias de *Tetragonisca angustula* (Hymenoptera, Meliponinae) de região tropical de altitude em região tropical. IX Jornada de Iniciação Científica da Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro, 153-154.

19. Luna M.C.M. e Lorenzon M.C.A. (1999) Meliponicultura: Criação Racional de Abelhas sem Ferrão. Imprensa Universitária - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 12 p.

20. Nogueira-Neto P. (1997). Vida e criação de abelhas indígenas sem ferrão. Ed. Nogueirapis, S.Paulo, 446 p.

21. Nogueira-Neto P. (1970). A criação de abelhas indígenas sem ferrão. Ed. Chácaras e Quintais, 324 p.

22. Velthuis H.H.W. (1997). Biologia das abelhas sem ferrão. Departamento de processamento de imagens e design, Univ. de Utrecht, Holanda, 33 p.

23. Venturieri C.G., Raiol V.F.O. e Pereira C.A.B. (2003) Avaliação da introdução da criação racional de *Melipona Fasciculata* (Apidae: Meliponina), entre os agricultores familiares de Bragança PA, Brasil. Biota Neotropica, vol. 3 (2), 7p.

3 - Meliponicultores do Maranhão ganham centro de referência em Peri-Mirim

Os meliponicultores (criadores de abelhas nativas sem ferrão) da baixada maranhense vão ganhar um centro de referência. Os investimentos previstos serão garantidos pelo convênio de cooperação financeira, a ser firmado no dia 30 de junho, entre a Fundação Banco do Brasil (FBB) e a Cooperativa Agroecológica dos Meliponicultores da Baixada Maranhense (Coamel). Os recursos

aportados totalizam R\$ 342.187,50, sendo R\$ 340.144,50 financiados pela FBB.

O Centro de Referência a ser construído na cidade de Peri Mirim (MA) é um projeto oriundo da Estratégia de Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS) do Banco do Brasil em parceria com o Sebrae e instituições como a Embrapa e a Conab.

Sua criação será de extrema importância para o desenvolvimento da atividade na região, pois promoverá ações de capacitação e pesquisa além de melhorias no processo de extração, beneficiamento e comercialização do mel através da implantação de um entreposto que atenda às exigências legais do mercado consumidor interno e externo.

O projeto prevê a construção de uma unidade administrativa onde funcionará os núcleos de capacitação, pesquisa e inteligência competitiva, visando disponibilizar aos meliponicultores cursos de capacitação constantes nas áreas tecnológicas e gerenciais e, em parceria com órgãos governamentais, desenvolver pesquisas que propiciem a sustentabilidade e disseminação da meliponicultura, aumento da produção, produtividade e preservação do meio-ambiente. Além de disponibilizar ferramentas com fins de identificação, coleta, análise e tratamento das informações sobre as necessidades e exigências do mercado consumidor.

A outra unidade a ser criada será destinada à extração de mel. A idéia é produzir mel e derivados de abelhas nativas em conformidade às exigências legais e mercadológicas. A unidade de beneficiamento (entreposto de mel) ficará responsável por escoar a produção do mel de abelhas nativas e seus derivados, para mercados internos e externos (França, EUA, Japão, Itália), bem como escoar a produção de mel de abelha africanizada (APIS) do Maranhão.

A assinatura do convênio será realizada em 30/06/2010 às 10 h, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Peri Mirim (MA), localizado à Rua Pereira Júnior, nº 145, Peri Mirim (MA)

Fonte: Maranhão Hoje - São Luis/MA - Outras Cidades - 28/06/2010 - <http://migre.me/T4J5>

4 - Meliponário da Serra

Meliponário da Serra – Abelhas Nativas e Preservação Ambiental -
<<http://www.meliponariodaserra.blogspot.com/>

5 - Abelhas nativas sem ferrão encantam iratienses

A Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), através do Programa Universidade Sem Fronteiras, desde o ano de 2007, apoia projetos de extensão universitária a fim de melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região Centro Sul do Paraná.

O projeto de extensão “Tecnologias sustentáveis como fonte geradora de renda para a agricultura familiar da região Centro Sul do Paraná” foi desenvolvido pelo laboratório de Agrossilvicultura, pertencente ao Departamento de Engenharia Florestal (DEF) - Unicentro, Campus de Irati. O objetivo do projeto era difundir a atividade florestal e ambiental como fonte geradora de renda e conservadora dos recursos naturais, diagnosticando problemas ambientais e apresentando alternativas de diversificação da propriedade através da apicultura.

Como prosseguimento a este trabalho, em maio de 2009, o projeto “Fortalecimento da Rede de Fomento Apícola Apiários Rio de Mel”, desenvolvido também pelo Laboratório de

Agrossilvicultura inserido no Programa Universidade Sem Fronteiras, foi implantado para continuar atendendo agricultores familiares, principalmente das regiões de Irati e Fernandes Pinheiro, de acordo com a engenheira ambiental, Rosângela Delgobo, integrante da equipe.

Dentre os objetivos propostos, Rosângela afirma que, além do apoio à produção de mel e derivados, o projeto prevê a realização de atividades de educação ambiental nos municípios envolvidos. “Essas atividades são desenvolvidas por meio da ‘Exposição Interativa – Nossas Abelhas Nativas Sem Ferrão’, inaugurada em novembro de 2009. Nesta exposição, instalada no Museu de Geociências do Campus da Unicentro em Irati, é apresentada aos visitantes a importância das abelhas para a nossa sobrevivência.

De acordo com a orientadora do Projeto, Ângela Guedes Moreira Lara, hoje as abelhas estão se extinguindo do planeta, devido aos desmatamentos. “Isso é preocupante, pois elas são uma das principais polinizadoras. Elas são responsáveis por 40% a 90% da polinização das espécies florestais nativas”, frisa a professora dizendo que o Paraná possui uma riqueza faunística que reflete a diversidade dos seus biomas e ecossistemas. Essa rica variedade inclui 450 espécies de abelhas no Brasil e 33 delas sem ferrão no Paraná, sendo que 10 dessas espécies estão em extinção.

SISFAUNA - Ângela conta que uma parcela significativa dessa riqueza, em virtude da destruição e redução dos ecossistemas, da caça predatória, do comércio ilegal, da poluição dos ecossistemas, da introdução de espécies exóticas, da perda de fontes alimentares e do uso indiscriminado de agroquímicos encontra-se ameaçada.

“Nesse sentido, em 2004 o Governo do Paraná mediante o Decreto 3.148 de 15 de junho de 2004, instituiu a Política Estadual de Proteção à Fauna Nativa – SISFAUNA –PR, empreendendo a partir daí, um processo de gestão da fauna de caráter pioneiro, inovador e participativo”, salienta a coordenadora e ainda completa que visando esse Decreto, a Unicentro por meio do IAP (Instituto Ambiental do Paraná) e do Projeto de Biodiversidade criaram planos de ações específicas para espécies ameaçadas de extinção, como as abelhas.

“Esses planos de ações seguem as políticas públicas e legislação para proteção das espécies em seu habitat, por isso é feito manejo da população em cativeiros, projeto de reintrodução de espécies e educação ambiental”, enfatiza Ângela dizendo que os meliponídeos são prioritários nos planos de conservação, tanto que está para sair em breve uma legislação específica para eles. “Em Irati, existem diversas espécies como Mandaçaia, Mirim, Jataí, Manduri, Iratim, Tubuna, entre outras”.

O objetivo do projeto é sensibilizar a comunidade estudantil e em geral quanto à importância das abelhas para a manutenção da biodiversidade, pois elas polinizam as flores. “Aqui o visitante é colocado diretamente em contato com o objeto exposto. É possível conhecer, identificar e comparar as espécies mais comuns de Meliponídeos (abelhas nativas sem ferrão) da nossa região e as abelhas do gênero Apis (com ferrão), bem como compreender a importância desses insetos sociais, como agentes polinizadores e seu papel na manutenção da biodiversidade. A exposição enfoca ainda aspectos da nidificação, produtos de uso terapêutico, nutricional, extração de mel e manejo das abelhas. Os visitantes podem experimentar o mel e ainda sentir o odor da cera e dos resíduos das própolis”.

A exposição está aberta para a comunidade e escolas desde novembro de 2009 e deve permanecer ainda até o final do mês de agosto deste ano. Depois disso, a exposição irá para a Floresta Nacional de Irati (FLONA) e posteriormente se tornará itinerante. A orientadora afirma que se alguém tiver interesse na exposição, a exemplo de uma escola, é só comunicar o setor de Comunicação da

Universidade.

“A exposição conta com fotos e banners com informações das abelhas, com um insetário e lupa para que os visitantes possam ver melhor a produção, degustação de mel, caixas antigas de abelhas, EPI (Equipamentos de Proteção Individual) e animais predadores das abelhas Apis empalhados, como o tatu e o irara, entre outros”. Também possui caixas-vitrines com ninhos de abelhas sem ferrão vivas.

O Museu de Geociências fica aberto nas segundas, quartas e sextas-feiras das 13h30min às 16h30min. É a equipe do projeto que gerencia a exposição. Os monitores são dos cursos de Turismo, Geografia, Engenharia Ambiental e Florestal.

Para Rosângela e Ângela, é muito importante que as pessoas se conscientizem e comecem a preservar mais as abelhas, para que não aconteça como nos países asiáticos, onde as abelhas estão em extinção. “Nos países asiáticos, as abelhas foram exterminadas e, portanto, hoje a polinização é feita com as próprias mãos, pois ainda não existe tecnologia para polinizar as plantas”, concluem as professoras.

Este projeto é coordenado pelas professoras da Unicentro, Gabriela Schmitz Gomes e Ângela Guedes Moreira Lara, e conta com o apoio dos demais integrantes da equipe: Rosângela Delgobo, Cleide Harumi Nishimura, Adalberto Klossowski e Maicon Dziadzio.

IRATIM - A abelha Iratim, que também não possui ferrão, é minúscula e inofensiva. A sua colmeia é estranha, e o cheiro do seu mel parece com o aroma de limão. A *Lestrimelitta limao* é a abelha que originou o nome da cidade: Iratim. Em outros estados, é conhecida como arancim, iraxim, abelha limão, limão ou limão canudo. A Iratim distribui-se por todo o Brasil, é uma abelha silvestre.

Apesar do cheiro de limão, curiosamente, a Iratim não produz mel de qualidade e é considerado tóxico para o consumo humano. Ela não é criada como produtora de mel. Quem tem estas abelhas em criatório é mais para conservação da espécie. Outro aspecto interessante é o fato desta abelha fazer a pilhagem de colmeias de outras abelhas. A Iratim se caracteriza por possuir o hábito de saquear o alimento (néctar e pólen) de outras colmeias.

Fonte: Folha de Irati - Irati/PR - Geral - 15/07/2010 - <http://migre.me/XIC4>

6 - Padre Moure: uma vida dedicada à ciência e à religião

Com mais de 200 trabalhos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras, o padre e professor Jesus Santiago Moure faleceu dia 10, aos 97 anos, em Batatais, São Paulo. Um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Zoologia, Padre Moure trabalhou com a sistemática de insetos e foi pesquisador do Departamento de Zoologia da UFPR e do curso de pós-graduação em Entomologia.

Afastado desde 2004 das atividades acadêmicas e científicas que realizou por mais de 60 anos na UFPR, Padre Moure nasceu em novembro de 1912, em Ribeirão Preto (São Paulo). A partir dos 12 anos veio estudar no Seminário Claretiano, em Curitiba e desde cedo se aproximou as ciências naturais, em particular a Botânica.

Foi ordenado Sacerdote pela Ordem dos Claretianos em 1937 e começou a lecionar história natural no Seminário Claretiano em 1938, tornando-se no mesmo ano professor fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba, que mais tarde seria integrada à Universidade do Paraná,

federalizada em 1950.

Na UFPR, Padre Moure dedicava-se em tempo integral à universidade e participou ativamente da criação do curso de pós-graduação em Entomologia, implantado em 1969, um dos primeiros da universidade. O Padre Moure também ficou conhecido por centenas de pesquisadores e estudantes de todo o país, ao promover o ensino da taxonomia numérica, método de trabalho que viu nascer nos anos 50, em Kansas, nos Estados Unidos.

O padre cientista que se destacou nos estudos de Zoologia, sua paixão, também esteve ligado ao Museu de História Natural e ao Museu Paranaense. Tornou-se referência na área de entomologia e manteve uma importante relação entre a religião e a ciência. Seu trabalho foi reconhecido, com diversas homenagens e prêmios, como o Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1995, o Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1998 e o Diploma de Pesquisador Emérito nas comemorações dos 55 anos do CNPq, em 2006.

Em 2004, já debilitado pela idade, foi transferido para o interior de São Paulo. Depois de 68 anos vividos em Curitiba, seu nome já tinha grande destaque na elite intelectual da cidade e, principalmente, no Departamento de Biologia da UFPR.

Juliana Karpinski (estagiária), sob orientação de Rodrigo Juste Duarte

Fonte: <http://migre.me/XIE7> – 15/07/2010 - <http://www.ufpr.br/adm/templates/index.php?template=1&Cod=6602>

7 - O papa das abelhas

O padre Jesus Santiago Moure pode ter sido um dos últimos de sua espécie. Formado nos rigores da vida religiosa, cedo abraçou os estudos de entomologia e fez deles sua redenção. Tornou-se uma referência mundial no gênero. Há uma semana, em Batatais, interior de São Paulo, morreu o padre e cientista Jesus Santiago Moure.

Tinha 98 anos, 68 deles passados em Curitiba, onde desenvolveu pesquisas científicas no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná. A sala 395 do Centro Politécnico era seu quartel-general. Dali partiu para o mundo, literalmente, sendo aclamado como o maior especialista em abelhas tropicais e papa da taxonomia numérica – para dizer o mínimo.

Os números que envolvem o padre Moure são superlativos: publicou 216 trabalhos e propôs cerca de 500 nomes de abelhas – a primeira foi a *Augochloropsis liopelte*, em 1940. Seu fichário de 12 mil itens, datilografado, hoje serve de bíblia para entomólogos com um mínimo de juízo científico. A simples menção a sua presença num congresso de estudiosos era o bastante para que muitos – não sem antes respirar bem fundo – se aproximassem, pedissem licença para tirar uma foto e arriscassem falar das próprias investidas. Não era recomendável vacilar.

Moure, ao centro, com Loureiro Fernandes e Carlos Stellfeld, em 1942. Moure de jaleco numa excursão ao Marumbi, em 1947: ligação protocolar. Moure, Millirón, Michener e o paranaense Bigarella, em outubro de 1955

A entrega do padre Moure à pesquisa, com perdão ao trocadilho, era sacerdotal. Embora não fosse dado a discursos sobre sua própria atividade – principalmente as religiosas - impressionava pelo tempo dedicado aos estudos. Numa rara licença sobre sua intimidade, confidenciou ao entomólogo

mineiro Gabriel Augusto Rodrigues de Melo, 43 anos, um de seus discípulos, não dormir mais do que três horas por noite.

A vida insone explica em parte o volume de sua produção. E deixa a curiosidade sobre quem era o homem por trás do cientista. Eis uma questão difícil de responder. Até onde se tem notícia, padre Moure não deixou escritos sobre outro assunto que não ciência. Segundo a professora Danúncia Urban, 77 anos, sua mais longeva colaboradora no Departamento de Zoologia da UFPR, ele escrevia cartas, à mão, todos os dias. Seus interlocutores: cientistas dos quatro costados, como Newton Freire-Maia.

Danúncia, Gabriel – e outros companheiros de ofício, como os professores Jayme de Loyola e Silva e Renato Marinoni, para citar alguns –, registraram em artigos e entrevistas a grandeza intelectual do padre cientista. Gabriel, de forma particular, chegou a esboçar uma biografia, acompanhada de levantamento iconográfico, sobre o mestre e apresentou-a na festa dos 90 anos, em 2002. Mas ainda há muito a ser feito e a ser respondido sobre o estudioso radicado no Paraná.

A grande lacuna é entender porque cargas d'água Moure abdicou paulatinamente do ministério religioso, resumindo-se a rezar missas matinais, para se enfiar diante dos microscópios e computadores – uma de suas paixões. Para o teólogo espanhol Jaime Sánchez Bosch, diretor do Studium Theologicum de Curitiba e irmão de congregação religiosa de Moure – os missionários claretianos – a resposta é só uma: “Era sua genialidade. Ele tinha um talento incomum para a ciência. Um interesse bárbaro por tudo. Pensou em abdicar, mas ao se ver diante das oportunidades de pesquisa, não quis desperdiçá-las.”

A pergunta intriga o próprio Jaime. Ele lembra que na década de 1930, quando o cientista Moure começa a se desenhar, havia na comunidade claretiana de Curitiba um espanhol de nome Jesus Ballarin, um expoente da filosofia e da cultura. “Ele pode ter se espelhado nesse padre e visto ali a possibilidade de mesmo sendo sacerdote participar ativamente do mundo do conhecimento”, arrisca.

O zoólogo Gabriel de Melo tem outro palpite. Ainda adolescente, no seminário menor da cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo, Moure fez as primeiras coletas de insetos ao lado de um colega de batina, Francisco Pereira. Na vida adulta, Pereira também se tornou um cientista de renome. Melo observa ainda que antes de ordenar padre, Moure visitou museus de História Natural e trocou correspondências com expoentes da entomologia, o que já apontava para seu grande desejo de conciliar o claustro com os laboratórios.

O assunto é tratado com reservas na congregação de Moure, mas tudo indica que o cientista nasceu de alguma frustração pastoral e da desavença com um de seus superiores e com um bispo. O próprio padre reconheceu isso em entrevista dada à revista *Ciência Hoje*, em 1990, na qual declarou ter sido perseguido por acreditar na Teoria da Evolução. Quem quer que tenham sido seus detratores, acabaram fazendo um bem danado ao saber acadêmico.

O fato é que nos anos 1940, Moure deixa sua atividade na Ação Católica e se vincula a um grupo emergente de cientistas ligados ao Museu Paranaense e Museu de História Natural. Torna-se amigo de José Loureiro Fernandes, Frederico Lange, André Mayer, Carlos Stellfeld, João José Bigarella. Em pouco tempo viria a universidade. De uma vez por todas, o pastor seria reduzido ao mínimo múltiplo comum.

Essa disparidade entre os dois Moures é, com folga, um dos traços mais curiosos a ser explorado em

sua futura biografia ampliada. Ouvindo os confrades e os professores é, quase sempre, como se falassem de pessoas diferentes.

Em 2002, por exemplo, padre Moure chorou na UFPR ao se despedir de cada colega de trabalho. Estava de malas prontas para a casa de repouso no interior. No claustro da Paróquia do Coração de Maria, na Avenida Getúlio Vargas, impera a imagem do cura contrito, casmurro, e que cumprimentava com o dedo mindinho.

Sánchez é um dos raros a poder falar sobre o Moure padre. Conheceram-se em 1977. Nos muitos anos em que dividiram a mesma comunidade puderam tergiversar sobre os vários campos do saber. “Era um homem tímido. Mas se provocado, se tornava uma boa conversa”, opina. Conta que seu confrade não perdia uma corrida de Fórmula 1 e que adorava os cachorros. Chegou a ser derrubado por um pastor alemão, Jade, no quintal dos claretianos. Quebrou-se, é claro, sem mágoas com o cão.

Nada que o afastasse do trabalho na UFPR. Consta que mesmo acamado por duas quedas – uma no quintal de casa e outra na universidade - fez bancas e orientação para doutorandos, reiterando a imagem de pesquisador espartano, que não deixava espaço para manifestar cansaço ou tristeza.

“Ah! Mas ele adorava carros...”, sugere Danúncia, somando-se a Sánchez nas inconfidências. O primeiro, na década de 50, foi um Delfini, que ele aprendeu a dirigir numa única tarde no Tarumã. Beirando os 90 anos, cometeu a peraltice de dirigir sozinho até Joinville.

No dia a dia, contudo, não havia brechas: era preciso conquistá-lo. Danúncia, com folga a pessoa que melhor conheceu o padre Moure, falou com ele a primeira vez em 1951, em uma banca para entrar na graduação de História Natural. Não lembra o que ele lhe perguntou, embora não esqueça do que teve de responder aos seus inquisidores: “Por que o papagaio tem as penas verdes...” Ela ainda acha graça. E não perde as contas do rosário.

Incentivada pelo padre a pesquisar, recebeu dele incumbências sempre aos poucos. “Da primeira vez ele me mostrou duas abelhas e perguntou: ‘São iguais?’ Tive de desmontá-las. De outra, ele me deu um grupo de abelhas para estudar. Tinha muito ciúme da sua coleção.”

Apenas quando já estava em vias de se aposentar é que Danúncia tomou coragem, entrou no gabinete do mestre e sem muitos dedos abriu uma das gavetas e carregou uma série para estudos. A essa altura, já somavam mais de quatro décadas de pesquisa científica em conjunto. “É natural”, diz Gabriel. Moure passou uma vida fazendo prospecções nos fins de semana. Aqueles cabos de vassoura com um coador gigante na ponta ainda estão atrás da porta de seu gabinete. Enquanto pôde, o fez.

E à revelia de seu pé no freio com os colegas – o que não fazia nas estradas, segundo consta – dividiu com eles a organização do magnífico Catalogue of bees (Catálogo de Abelhas Tropicais, 2007). A devoção que a ele dedicam nasce dessa parceria à moda antiga. “Ele era uma espécie em extinção”, avisa Gabriel. Palavra de cientista.

Fonte: Gazeta do Povo Online - Curitiba/PR – Vida e Cidadania - 17/07/2010 - <http://migre.me/YkXu>

8 - AME-RIO - Associação de meliponicultores do Rio de Janeiro

Uma história de amor, amor ao Rio de Janeiro, amor a flora do Rio de Janeiro, amor a fauna do Rio

de Janeiro, amor ao Meio Ambiente do Brasil e do mundo todo e às nossas Abelhas Nativas.

Associação de Meliponicultores do Rio de Janeiro – AME-RIO - Rodovia Santos Dumont, Km 103,5 – BR.116 - Guapimirim – RJ. O presidente é o meliponicultor: Pedro Paulo Pamplona Peixoto e o Vice-Presidente, é Gesimar Célio dos Santos.

Veja mais em: <http://www.am-rio.blogspot.com/>

9 - AMAMEL - Associação dos Meliponicultores de Mandirituba e Região

Dia 7 de julho de 2010, foi criada em Mandirituba - PR, região metropolitana de Curitiba, a Associação dos Meliponicultores de Mandirituba e Região, cuja sigla é "AMAMEL". A sua primeira diretoria ficou assim constituída: Benedito (Presidente), Neuza (Secretaria), Francisco (Tesoureiro) e conselho fiscal (Aldivar, Ederson e Helio).

10 - Com ou sem ferrão, todas elas são essenciais à natureza.

Há dois tipos principais de abelhas: nativas, ou sem ferrão, e *Apis mellifera*, com ferrão. As principais diferenças entre elas são anatômicas e de organização das colônias. A colmeia das nativas possui cerca de 2 mil abelhas, enquanto a de abelhas com ferrão possui de 80 a 100 mil. As duas espécies produzem mel de alta qualidade, mas o produto das abelhas sem ferrão tem maior valor de mercado.

Isso porque tem mais enzimas benéficas aos sistemas digestivo e respiratório. O apicultor Marcelo Griffhorn explica por quê: “para conservar o mel, a *Apis mellifera* tira a umidade da colmeia com o bater das asas. Já as nativas não conseguem reduzir essa umidade, até porque são menos abelhas na colônia.

Então, para conservar o mel, elas adicionam grande quantidade de secreções mandibulares e isso torna o mel mais nutritivo". Os produtos da colmeia das abelhas sem ferrão servem de fonte de renda para comunidades quilombolas e indígenas, especialmente no Norte e Nordeste do país.

O maior nível de umidade faz com que o mel de abelha nativa tenha maior teor de água, o que torna o produto mais líquido que o mel das abelhas com ferrão. Além disso, o mel das nativas é mais ácido. Aroni Sattler, engenheiro agrônomo e professor da UFRGS, ressalta: “as abelhas nativas estão há milhares de anos no continente americano. Elas produzem em quantidade menor, mas tem uma atividade muito importante, pela qualidade do produto e também pela polinização que promovem.”

A *Apis mellifera* mais comum para produção de mel em apiários é a "africanizada". Essa espécie resultou de um cruzamento entre abelhas trazidas da Europa e da África por imigrantes que colonizaram as Américas. O mel e outros produtos das africanizadas são os mais conhecidos e comercializados. Têm valor nutritivo e alta produtividade, já que a colmeia da *Apis mellifera* é 40 vezes maior que a colônia de nativas.

Fonte: <http://migre.me/10wvJ> - 28/07/2010

11 - Impactos de cursos de manejo de abelhas sem ferrão e os desafios para meliponicultura Amazônica

Gislene Almeida Carvalho-Zilse - Doutora em Genética pela USP de Ribeirão Preto-SP e coordenadora do Grupo de Pesquisas em Abelhas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA – gislene@inpa.gov.br. No debate sobre ciência e tecnologia o alcance social de uma pesquisa e o consequente benefício direto que ela pode trazer à população é uma questão primordial.

O debate ganha força quando se trata de pesquisa na Amazônia, região que abriga vastos recursos naturais, mas, ao mesmo tempo, é vista como um verdadeiro vazio demográfico. É fato, contudo, que a grande diversidade biológica encontrada na região influencia as atividades humanas, de onde um grande número de pessoas retira seus sustentos.

Uma das consequências dessa interação é que ainda hoje são muito comuns atividades de subsistência, principalmente aquelas associadas à criação de pequenos animais, roças de agricultura e extrativismo. A criação de abelhas nativas sem ferrão (Meliponicultura) vem se mostrando uma atividade econômica potencial que garante a conservação dos recursos naturais, da biodiversidade e dos costumes sociais propiciando melhor qualidade de vida.

Por que, então, ensinar biologia de meliponíneos e tecnologia para exploração econômica desses insetos é uma tarefa importante? Porque as abelhas indígenas sem ferrão são as principais polinizadoras da flora amazônica e comunidades inteiras dependem dos recursos da floresta.

Pensando nisso, o Grupo de Pesquisas em Abelhas - GPA tem se empenhado, desde sua criação, em 2001, na capacitação de amazônidas em meliponicultura. Cinco projetos (apoiados pelo Basa, CNPq, Suframa, PróVárzea/Ibama e Fapeam) permitiram a realização de cursos, oficinas e visitas técnicas periódicas às comunidades rurais para capacitação dos produtores.

Destaca-se ainda o trabalho de capacitação que vem sendo executado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Governo do Estado do Amazonas - SDS por meio da Agência de Florestas e Negócios Sustentáveis do Amazonas – Afloram, no Estado e, especialmente, no município de Boa Vista do Ramos, onde foi fundada a Associação de Criadores de Abelha Indígena da Amazônia - Acaia cujos associados vêm produzindo mel de abelhas indígenas, produto que já se encontra disponível em rede de supermercado. Este é o único exemplo de apoio direto a meliponicultura por um governo estadual.

Como resultado destas ações, atualmente existem mais de 700 meliponicultores, com aproximadamente 8.000 colméias racionais instaladas em 18 municípios do Amazonas: Benjamin Constant, Tabatinga, Jutai, Fonte Boa, Tefé, Alvarães, São Gabriel da Cachoeira, Careiro Castanho, Cacau Pirêra, Iranduba, Manaus, Manacapuru, Novo Airão, Autazes, Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Maués, Parintins e Uruará.

O processo de capacitação é essencial no sucesso da atividade de meliponicultura e nesse processo percebe-se a diminuição, praticamente total, do extrativismo de ninhos na floresta, o estabelecimento de uma alternativa de renda complementar para a família e de uma atividade socioeducativa para a manutenção da biodiversidade além de uma ação em prol do aumento no número de polinizadores, produção de frutos e alimentos.

No entanto, ainda há desafios para a meliponicultura nacional e, especialmente para a região amazônica, região de maior riqueza de espécies de abelhas sem ferrão do mundo. A caracterização e padronização do mel de acordo com a espécie de abelhas, a vegetação, os fatores relativos ao solo e climáticos das respectivas regiões onde é produzido e, principalmente, a utilização de técnicas adequadas de higienização e sanitização são metas a serem alcançadas para a melhoria da qualidade

do mel produzido e a garantia do produto de qualidade ao consumidor.

É preciso lembrar que a atual legislação brasileira que regulamenta a padronização do mel para fins de comercialização só atende às características do mel de *Apis mellifera* (abelha européia ou africanizada), não contemplando o mel das abelhas nativas. Tal legislação é baseada em padrões internacionais, o que dificulta em muitos casos a inserção do mel de abelhas nativas no mercado. A criação de abelhas nativas sem ferrão (Meliponicultura) contribui com a conservação da biodiversidade, através da polinização e constitui alternativa para melhoria da renda familiar

Além destes, os processos para conservação do mel (desumidificação, pasteurização ou refrigeração) para se ter condições de regularidade no fornecimento deste produto são de difícil acesso aos comunitários nas localidades rurais onde criam abelhas e produzem mel.

É preciso subsídios para estruturação de associações ou cooperativas no sentido de criar entrepostos ou casas comunitárias de beneficiamento de mel ou pólos em regiões estratégicas que atendam a tais procedimentos.

É preciso destacar ainda que é primordial se criar um mecanismo de escoamento rápido da produção visto que o mel de abelhas sem ferrão apresenta menor durabilidade quando comparado ao de *Apis* por possuir elevado conteúdo de umidade o que favorece substancialmente sua fermentação e deterioração.

Fonte: Revista Jirau - Número 17 - Janeiro/Fevereiro/Março - 2007 - http://www.florestavivaextrativismo.org.br/download/documentos/impacto_curso_manejo_abelhas.pdf

12 - Curso sobre Abelhas Indígenas sem Ferrão, no Centro Paranaense de Referência em Agroecologia/CPRA – Pinhais – PR

Prezados amigos e amigas,

Em todos os sentidos "preservar é preciso". E para que tenhamos noções de quanto é importante conhecermos e preservarmos as Abelhas Indígenas sem Ferrão, o Centro Paranaense de Referência em Agroecologia/CPRA estará promovendo mais um curso sobre meliponicultura, denominação dada à atividade de criação destas abelhas.

Será nos dias 31/agosto, 01, 14 e 15/setembro de 2010 (32 horas), na sede do CPRA, situada na Estrada da Graciosa, 6960 - Pinhais - PR (antigo polo de pesquisas do IAPAR, ao lado do antigo Parque Castelo Branco, hoje Parque Newton Freire Maia).

Gostaríamos de contar com Vossa colaboração na divulgação desta oportunidade aos agricultores, professores, estudantes, ambientalistas, enfim, a todas as pessoas dispostas a contribuir na preservação desta espécie polinizadora, cuja atividade também pode representar significativa fonte de renda, tendo em vista o valor nutricional e medicinal do mel que produz.

Não há taxa de inscrição para o curso. Os participantes terão a opção de almoço no Centro de Treinamento da UFPR, distante 800 metros da sede do CPRA, ao custo de R\$ 7,00 (sete reais).

Havendo necessidade de pernoite, o mesmo estabelecimento também poderá atender aos interessados, devendo a reserva ser feita com antecedência pelo telefone 41 3551 1685.

O custo da diária completa (café, almoço, janta e acomodação) é de R\$ 38,00 (trinta e oito reais) em alojamento e banheiro coletivo, ou R\$ 45,00 (quarenta e cinco reais) em apartamento triplo com banheiro anexo.

As inscrições devem ser realizadas preenchendo a ficha anexa, devolvendo-a via e-mail valcirwilhelm@cpra.pr.gov.br ou pelo fax nº 41 3544 8111, a/c: Valcir, até 26 de agosto de 2010.

Salientamos que o número de vagas é limitado e a frequência mínima, para efeito de emissão de certificado, é de 75% (setenta e cinco por cento).

Saudações,

Valcir Inácio Wilhelm - Coord. Operações e Difusão - Centro de Agroecologia - CPRA – 41-3544-8100.

FICHA DE INSCRIÇÃO

Curso: **MELIPONICULTURA** (Criação de Abelhas Indígenas sem Ferrão) - Data: 31/agosto; 01; 14 e 15/setembro 2010.

Nome:

Data de nascimento:

RG (Identidade) n°: Órgão expedidor:.....

Endereço:

Município:..... Estado:

Telefone: Celular: E-mail:

Possui colônias de abelhas sem ferrão? SIM () NÃO ()

Qual (is) espécie (s):

13 - IV Seminário Paranaense de Meliponicultura, de 12 a 14 de novembro, na UFPR , Campus de Matinhos - PR

Acesse as informações: www.litoral.ufpr.br/labmove1. Inscreva-se e participe do IV Seminário Paranaense de Meliponicultura.

Será realizado de 12 a 14 de novembro, na UFPR, no litoral do Paraná, município de Matinhos.

O evento é gratuito e é importante garantir a hospedagem com antecedência. O site para inscrições e informações do evento é www.litoral.ufpr.br/labmove1 e o telefone é 41.3511.8300.

Para mais informações, contate com o Prof. Renato Bochicchio, através do email: [<rebocch@gmail.com>](mailto:rebocch@gmail.com)

<p style="text-align: center;">SEAB DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva – andrades@seab.pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 - fax: 3313.4031 - www.seab.pr.gov.br</p>
--